

LUÍS DE CASTRO – UM CENTENÁRIO

Sânzio de Azevedo

Na sua edição de 31 de outubro de 1948, trazia o *Unitário*, na primeira página, uma entrevista de Jandira Carvalho com o último remanescente da Academia Rebarbativa, buliçosa agremiação que surgiu em Fortaleza no ano de 1910. Esse último abencerragem do velho grêmio era Luís de Castro, que a jornalista apresentava como um homem “velhusco, irremediavelmente calvo e quase misantropo”. E foi exatamente assim que o conheci, pois nesse hoje recuado ano de 1948 estava o poeta hospedado na casa de seu velho amigo e companheiro de letras Otacílio de Azevedo, meu Pai.

Aos 10 anos — e era essa a minha idade — não podia eu avaliar com precisão o que representava o nome de Luís de Castro, mas lembro da admiração com que o ouvia falar de suas viagens, sempre evocando fatos pitorescos, notadamente de sua longa estada em São Paulo.

Na citada entrevista a Jandira Carvalho, depois de falar da luta dos jovens escritores de sua época, em busca de um lugar ao sol, diz o poeta: “Certa noite, à sombra das antigas mongubeiras da Praça do Ferreira, sobre um banco daquele logradouro, fundava-se a esquipática Academia Rebarbativa. Dela participavam Gil Amora, Genuíno de Castro, J. Catunda, Josias Goiana, Carlos Severo, Lídio Camboim e outros.”

Na verdade, é bom esclarecer, esse Lídio Camboim é pseudônimo do próprio Luís de Castro, por sinal irmão de Genuíno de Castro, igualmente poeta.

Nasceu Luís de Castro em Fortaleza, no dia 11 de fevereiro de 1883. Após deixar nossa casa, com destino ao Pará, foi o poeta dado como morto, o que não era verdadeiro, como se constatou depois. Brincadeira do próprio Luís de Castro ou de outrem, o certo é que não havia fundamento na notícia e o escritor só viria a falecer cerca de nove anos mais tarde, em Manaus, no dia 25 de março de 1957, segundo informação que obtive do historiador Manoel Albano Amora.

Tendo feito seus primeiros estudos em Aquirás, aos 21 anos de idade alistou-se como soldado, indo combater ao lado de Plácido de Castro pela libertação do Acre, chegando ao posto de capitão, segundo informação do Barão de Studart. Jornalista de grandes méritos, foi uma das figuras principais da **Ceará Revista**, órgão da Academia Rebarbativa, tendo colaborado intensamente no jornal **O Ceará**, fundado por seu cunhado, Júlio Ibiapina. Publicou **Caos** (1911), **Loas e Toadas** (1915), **Tentação do Padre Roque** (1923), **Prosopopéias** (1923) e **Salamandras** (1925) sendo o penúltimo composto de artigos de várias épocas.

Dolor Barreira, no volume 3 de sua monumental **História da Literatura Cearense** (1954), informa ter o poeta prometido que, “depois do **Caos**, apareceria o **Gênesis** — poesias e sonetos em versos alexandrinos — acompanhado de uma carta e apreciações críticas de Silvio Romero, João Ribeiro e Afonso Celso. A promessa não se realizou, porquanto — ao que nos conste, —, o livro prometido não foi publicado.”

Ainda na mencionada entrevista, revelou Jandira Carvalho: “Sei que ele está escrevendo as suas memórias e breve teremos oportunidade de saber mais detalhes de uma vida que foi privilegiada...” Infelizmente, porém, jamais vieram a lume tais páginas de reminiscências.

Aliás, curiosa página de depoimento, a única em que, ao que eu saiba, Luís de Castro fez alusão à campanha do Acre, é o texto intitulado “**Aura Amazônica**”, escrito no Amazonas em 1904 (portanto, no tempo em que o autor esteve empenhado na refrega), e estampado na revista **A Jangada**, de 30 de junho de 1909, revista que compulsamos graças à gentileza da pesquisadora Maria da Conceição Souza. A certa altura, escreve Luís de Castro: “Pela primeira vez, n’aquelas balsas, ouviu-se uma descarga cerrada de fuzilaria. Era alguma intempestiva monteria aos temíveis queixadas? Não. Eram os primeiros tiros dos inimigos da Pátria. Eram os bolivianos. O Sol, por um momento, envolveu-se em uma nuvem espessa de fumo, para depois ressurgir mais rubro, mais irradiante.” E, alguns parágrafos depois: “Era noite. Uma segunda descarga cerrada reboou pelos desfiladeiros da mata, enquanto, pelo brunido do firmamento azul, radiava a lua acompanhada de estrelas lucilantes”.

Estreando em livro com o **Caos** de 1911, apresenta-se-nos o poeta como um êmulo do Hermes-Fontes das **Apoteoses**, na medida em que, preocupado com os torneios verbais, com o que poderíamos chamar de pirotecnia do verso, se situa entre parnasianos e simbolistas, tal como o o poeta sergipano: se daqueles herdara o descritivismo e o amor às rimas riquíssimas, destes lhe ficara o uso das maiúsculas alegorizadoras e a presença das imagens ousadas.

Desse livro, que também folheamos na biblioteca de Maria da Conceição Souza, destaco, pela beleza da forma e pela ousadia das imagens, o soneto "Inverno", onde com mais força se estadeiam as notas das duas estéticas aludidas:

Inverno — Alma a florir no coração da Terra;
Loira messe a brilhar em heliotrópios de oiro!
Assim nos chega o Inverno — áurea vestal que encerra
Em seus dedos sutis as tramas de um tesoiro.

Por todo o campo vibra e brame e ecoa e aterra
O ímpeto natural de agigantado toiro;
Germe no haurir o cio, urra no horror da ferra,
À luz de um morno sol amortecido e loiro.

Inverno! e, pela estrada e sobre o ondeante rio,
Esvoaçava tiritando o rouxinol do Outono
Nas dobras do albornoz sesquipedal do frio!

Cai a chuva lá fora; adiante uma ave trina,
E rola pelo Azul a quietude do sono
Entre réstias de Sol e trapos de neblina.

No que toca ao requinte das rimas preciosas, temo-lo em vários passos do livro, como em "Preito ao Verso", onde o poeta rima **almagre**, **sagre**, **milagre** e **vinagre**; nos dois sonetos intitulados "Pela Forma", com rimas em **cuida**, **fluida**, **Druída** e **descuida**, além de **protoplasma**, **pasma**, **Fantasma** e **traz-m'a**, sem falar no soneto "Deus" com rimas em **sigo-o**, **exíguo**, **averíguo** e **contíguo**, o que faz lembrar Emílio de Menezes, outro poeta cuja dicção oscila entre Parnasianismo e Simbolismo.

Mais simples, porque vazado em decassílabos, é o soneto "No Sertão", que traz a indicação, à maneira de continuação do título: "Do Ceará" poema onde talvez se misturem reminiscências da Amazônia à evocação do sertão cearense:

O Rio corre por ali sereno,
Ligeiro, esguio qual serpente enorme!
Bóia um luar esplendoroso e ameno,
A mata virgem murmurando dorme.

O Rio desce silencioso e pleno,
— Seu vulto, ao longo, é negra sombra informe:
Serpeja, avança, e por minaz terreno
Parece um monstro que do Caos se forme.

Dentro da Noite, — escuro e modorrento
O Rio corre resfolgando ao vento
Que pela Selva rumoreja e estua! ...

Salta em meio da estrada a onça traiçoeira,
Enquanto pelas frondes da ingazeira
Canta em alto e bom som a “mãe da lua” .

N'A Jangada, de dezembro de 1912, figura o soneto “Clamores do Verso”, onde, em alexandrinos clássicos, cheios de rimas ricas, esbraveja o poeta contra aqueles que certamente não lhe reconheciam o talento de artista do verbo. Note-se que, neste soneto, as rimas preciosas povoam não somente os quartetos, mas também os tercetos:

Por que tal lei brutal? Por que tal lei iníqua?
Por que mais ultrajar o meu viver de justo?
Por que se quer vencer a batalha improfícua
Do Ódio? ! e prendem-me, assim, num leito de Procusto?

Vivo num meio hostil, moro em plaga longíqua,
A novel geração apedrejou-me o busto!
E esta grei que envilece e me acobarda e antíqua
Só vem causar-me Tédio e só produz-me susto!

Deram-me como igual — em sùmula prosaica —
A copla, o ditirambo, a mesma endecha, a mesma
Rima triste e mendaz, de forma vil e arcaica!

Transformaram-me em Verme, Alma, espectro, Abantesma,
— Torpe e velho Rabi da Religião judaica
— De rojo pelo chão em contorções de lesma! ...

Dir-se-ia, aliás, que o poeta vivia a brigar com os críticos, a defender-se, volta e meia, dos ataques dos desafetos, porque em seu livro **Salamandras** de 1925, vamos encontrar um soneto intitulado sugestivamente de "Zoilos", e no qual, mais ainda do que naquele de 1912, explode a indignação do poeta que, aqui, encarece o valor de sua própria obra, num esmagador desdém pelos que, segundo sua visão, apenas tratam de demolir a obra alheia:

Desprezo o aplauso, a chufa, o enorme apodo
Destes zoilos venais que os não conheço!
Eles são como as lesmas vis do Lodo
Que não merecem fé nem sério apreço!

Batalhador triunfal, cresço em denodo,
E denodado e audaz por eles cresço!
Desdenho a todo injusto gabo e a todo
Labéu que me lançarem de arremesso!

Zoilos hei visto sempre ante os meus olhos!
Mas, como broncos charlatães de feira,
Pisando em sirtes, sobraçando escolhos! ...

Eles são tais à inerte lesma airada!
Levam de rojo ao chão a vida inteira
E em toda a Vida não produzem nada.

Poderá alguém, imbuído de intuitos puristas, condenar certos procedimentos do poeta, como esse "tais à inerte lesma", do soneto acima transcrito, ou aquele **averíguo** do soneto "Deus", ou ainda o "acobarda e antíqua" dos "Clamores do Verso", que lemos há pouco. Ninguém poderá negar, entretanto, a força verbal e sobretudo a dicção extremamente pessoal dos seus versos.

Luís de Castro, de quem Dolor Barreira transcreve diversos poemas nos volumes 3 e 4 de sua **História da Literatura Cearense** (1954 e 1962), não obstante haver pontificado nas letras de sua terra durante cerca de vinte anos (de 1910 a 1930 aproximadamente), é poeta estranhamente ausente de quantas antologias foram feitas, reunindo autores do Ceará, não figurando nem mesmo na **Coletânea de Poetas Cearenses** (1952), de Augusto Linhares, que abriga um soneto de seu irmão, Genuíno de Castro.

Por isso, não foi sem razão que Otacílio de Azevedo, meu Pai, ao dedicar ao amigo um capítulo do seu livro **Fortaleza Descalça** (1980), de publicação póstuma, escreveu: "Estranho homem este, jornalista destemido e inspirado poeta, que um dia resolveu alistar-se no Exército, que, sob as ordens de Plácido de Castro, lutava no Norte pela libertação do Acre, chegando, segundo se diz, ao oficialato — e do qual já quase ninguém guarda o nome . . .".